

O mistério do tempo! Quanto os autores buscaram escrever sobre o tempo. *Le temps n'est pas ta demeure!* diziam.

O sempre presente PADRE ANTONIO VIEIRA ("*Sermão do Primeiro Domingo do Advento, sobre o fim do mundo e o juízo universal*", pregado na Capela Real em 1650, Edição Luzes, São Paulo, 1961) dizia, sobre omissão e perda de tempo:

Sabei, cristãos, sabeis, príncipe, sabeis, ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se não de condenar muitos: pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condenam os reis são as que se contêm nos relatórios das sentenças: Lede agora o relatório da sentença do dia do Juízo e notais o que diz: *Discedite a me maledicti in ignem aeternum* (Mt. 25, 41): Ide, malditos, ao fogo eterno. — E por que? *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperuistis me, non visitastis me* (Mt. 25, 42s). Cinco cargos e todos omissões: porque não destes de comer, porque não destes de beber, porque não recolhestes, porque não visitastes, porque não vestistes. Em suma, que os pecados que ultimamente não de levar os condenados ao inferno são os pecados da omissão. Não se espantem os doutos de que uma proposição universal como esta, porque assim é verdadeira em todo o rigor da teologia. O último pecado e a última disposição por que se não de condenar os pecados é a impenitência final, e a impenitência final é pecado de omissão. Vede que coisas são as omissões, e não vos espanteis do que digo. Por uma omissão, perde-se uma inspiração, por uma inspiração, perde-se um auxílio, por um auxílio, perde-se uma contrição, por uma contrição, perde-se uma alma. Dai conta a Deus de uma alma, por uma omissão (...).

Desçamos a exemplos mais públicos. (...) Por uma omissão perde-se um aviso, por um aviso, perde-se uma ocasião, por uma ocasião, perde-se um negócio, por um negócio, perde-se um reino. Oh! que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento, e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem, o príncipe e o ministro com uma omissão mata de um golpe uma monarquia. Estes são os escrúpulos de que se não faz nenhum escrúpulo: por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os pecados.

A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece, e o que facilmente se comete e diicultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo: e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa: ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado.

Mas, por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que esses são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem, mal é que se perdem a si, e perdem a todos; mas de todos não de dar conta a Deus. Uma das coisas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulos os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto não de ser as consciências dos que governam em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos, não anda em bom estado: a fazenda pode

restituir; a fama, ainda que mal, também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

E a que mandamento pertencem estes pecados do tempo? Pertencem ao sétimo, porque ao sétimo mandamento pertencem os danos que se faz ao próximo e à república, e a uma república não se lhe pode fazer maior dano que furtar-lhe instantes. Não haverá uma justiça exemplar para estes ladrões? Não haverá quem ponha um libelo contra os vagares? Não haverá quem enforque estes ladrões do tempo, estes salteadores da ocasião, estes destruidores da república? Mas porque na Ordenação não há pena contra estes delinqüentes, por isso a sentença do dia do Juízo há de cair principalmente sobre as omissões.

É útil também, meditar sobre as referências bíblicas constantes do EDITORIAL DE FEVEREIRO/97 (da Revista "Pergunte e Responderemos"):

O tempo é o dom de Deus básico, sem o qual não há outros dons. Sim, é no tempo que nos é dado praticar o bem, trabalhar, lutar, merecer... O tempo pode parecer insípido e até molesto para quem o vive no dia-a-dia; há mesmo quem procure "matar" o tempo em frívolos passatempos.

Muito rica é a conceituação de tempo que a Escritura Sagrada nos oferece. Ela no-lo mostra como

- caminhada de peregrinos que deixam o relativo em demanda do Absoluto ou da pátria definitiva (cf. 1Pd 1,7; Hb 11,13-16; 2Cor 5,8s);

- sementeira, cuja colheita ocorrerá no além, de modo que quem semeia pouco, colherá pouco, e quem semeia muito, colherá muito (cf. Gl 6,7s; 2Cor 9,6). Cada segundo do nosso tempo tem seu eco na vida definitiva; é no tempo que construímos nossa eternidade.

- algo premente, porque breve e fugidio (2Cor 7,1)... O tempo passa e não volta, de modo que é preciso aproveitar o HOJE de Deus: (Hb 3,13), (Hb 3,7). O homem não sabe quantos HOJE ainda terá, pois o desfecho terrestre é de incerta data (1Ts 5,1). Com outras palavras: o tempo quantitativo (mais dias, mais semanas, mais meses, mais anos...) há de ser também tempo qualitativo; exige qualidades correspondentes; possa o cristão crescer não somente em número de anos passageiros, mas também em méritos e valores definitivos;

- antecâmara da vida plena, de tal modo que na terra aprontamos nossa veste nupcial para a ceia da vida eterna (cf. Ap 21,2). Este aprontar não pode deixar de ser laborioso, atribulado, pois nada de grande se faz sem fadiga. Todavia, as momentâneas tribulações desta vida não têm proporção com o peso de glória que elas nos preparam para a pátria definitiva (cf. Ef 5,16; Rm 8,11; 2Cor 4,17);

- exílio, que deve despertar no cristão o anseio da mansão definitiva, pois vivemos da fé, e não da visão face-a-face da Beleza Infinita (cf. 2Cor 5,6s);

- moratória, que a paciência de Deus nos concede em vista de uma conversão, sempre mais radical (cf. Rm 2,4; 2Pd 3,9). Ele conhece a fragilidade humana e diariamente lhe renova a sua graça e misericórdia, a fim de que o fiel hoje proceda melhor ainda do que ontem.

Pois bem. Estas idéias voltam à mente dos cristãos com ênfase especial no santo tempo da Quaresma. É o Apóstolo quem escreve: Como nós colaboramos com ele, exortamo-vos a que não recebais em vão a graça de Deus. Pois ele disse: Na ocasião favorável, eu te ouvi. No dia da salvação, eu venho em teu socorro. Eis a ocasião de todo em todo favorável; eis agora o dia da salvação (2 Cor 6,1s). O cristão saberá aproveitar, cada ano mais conscientemente, o chamado de Deus, lembrando-

se de que o Senhor não quer corações tristes e constrangidos, Deus ama a quem dá com alegria (2 Cor 9,7).

O falecido D. LUCAS MOREIRA NEVES ("O tempo, esse tesouro", publicado no jornal O Estado de São Paulo, de 31 de dezembro de 1997) considerava tempo como ascensão para Deus.

"O tempo não é simples e inexorável fluir de horas, de dias e de anos rumo a um misterioso destino. É uma ascensão para Deus (creio ser este o verdadeiro nome do ponto Ômega teilhardiano, ponto para o qual tudo sobe e no qual tudo converge). O tempo não é, pois, simples Kronos, suceder de fatos, mas é Kairós e Kairós Theou – longo caminho pelo qual Deus conduz cada homem e a humanidade segundo desígnios que só Ele conhece, mas revela aos homens. O tempo não é, portanto, uma fatalidade imperiosa e inelutável, é uma corrente de oportunidades dadas ao homem para se realizar: nesse sentido o Qohelêth bíblico ensina que "há tempo para tudo, para juntar pedras e para atirá-las, para construir e para demolir, para amar e para odiar, para viver e para morrer ...".

Exclui, conscientemente, a conotação de fatalismo. Parafraseando expressões de João Paulo II e de outros para aplicá-las ao assunto, ousaria dizer que o tempo é, para nós, "dom e mistério", "graça e responsabilidade", "tarefa nossa cotidiana".

De fato, não possui a visão cristã do tempo, da qual Agostinho foi o intérprete incomparável e insuperável nos capítulos centrais das suas confissões. quem não o vê como um tesouro que Deus confia a cada ser humano ao fazer-lhe o dom da vida (as duas noções de tempo e vida estão inseparavelmente entrelaçadas). Mas não compreende o tempo, sempre na perspectiva cristã, quem não o vê como conjunto de fragmentos que é preciso resgatar ("*redimere tempus*", segundo a expressão do apóstolo Paulo) dia após dia e até hora por hora.

No derradeiro dia, crepuscular, de um ano que termina e no primeiro dia de um ano que principia, há uma recôndita fonte de alegria em pensar que o tempo não nos atropela às cegas, mas nós o conquistamos fazendo dele história. Grande história da humanidade ou humilde e despretensiosa história de nossa vida pessoal."

CARLOS HEITOR CONY, na falta de coisa melhor, enxuga gelo (Folha de São Paulo, terça, 7 de abril de 1998)

Rio de Janeiro - Outro dia, me perguntaram o que havia de pior com o passar do tempo. Entendi que o assunto era idade. Numa época em que um cara com mais de 35 anos já tem fechada a porta dos empregos, dizer que a vida começa aos 40 é mais letal que o saudosismo: é besteira apenas.

De qualquer forma, o tempo passa para todos, bons e maus, belos e feios, ricos e pobres, velhos e moços. Aliás, não é o tempo que passa, nós é que passamos por ele. Nós é que mudamos, quase sempre para pior, mas não por causa do tempo. Culpa de nós mesmos. Virgílio tem um verso que já citei em crônica antiga e cito de novo: "*Tempora mutantur et nos cum illis*".

Cícero também já reclamava do tempo e dos costumes, de maneira que o assunto é velho e a pergunta que me fizeram, além de velhíssima, seria inútil e eu não teria resposta para ela — como não tenho resposta para perguntas, sejam elas novas ou velhas.

A idéia do tempo remete obliquamente à idéia de eternidade — que é o tempo absoluto, imóvel, total. Lembrei uma passagem, acho que de Afonso Maria Ligório ou do próprio Ignácio de Loyola, tentando medir temporalmente a eternidade: se um minúsculo inseto, com sua minúscula boca, retirasse de cem em cem anos um grão de areia de todos os desertos

e praias, quando não mais houvesse areia em nenhum lugar do mundo — ainda assim a eternidade nem teria começado.

Admito que é tempo pra burro, deve mesmo ser longa essa eternidade que não nega o tempo, mas o maximiza. E como inserir o tempo de cada um entre grãos de areia retirados de cem em cem anos?

A conclusão lógica seria a insignificância de nosso tempo — tempo que perdemos como Proust ou que desperdiçamos, como agora o estou fazendo, enxugando gelo com a falta de tempo para coisa melhor.

Comentários da Faculdade de Teologia da Universidade de Navarra ao texto do Evangelho de São João 9, 4-5":

"Devemos trabalhar nas obras d'Aquele que Me enviou, enquanto é dia. Vai chegar a noite, em que ninguém pode trabalhar. Enquanto Eu estou no mundo, sou a luz do mundo".

"O tempo é precioso, o tempo passa, o tempo é uma fase experimental da nossa sorte decisiva e definitiva. Das provas que demos de fidelidade aos próprios deveres depende a nossa sorte futura e eterna.

O tempo é um dom de Deus: é uma interpelação do amor de Deus à nossa livre e - pode dizer-se - decisiva resposta. Devemos ser avaros do tempo, para o empregar bem, com a intensidade no agir, amar e sofrer. Que não exista jamais para o cristão o ócio, o aborrecimento. O descanso sim, quando for necessário (cfr Mc 6, 31), mas sempre tendo em vista uma vigilância que só no último dia se abrirá a uma luz sem ocaso." (Paulo VI, Homilia, 1-1-1976, IX Dia mundial da paz)".

.....

"Sabeis qual é a maior vida? A mais bem empregada. Diz JÓ que Deus escondeu a luz nas mãos: In manibus abscondit lucem. Também o homem, imagem sua, tem a luz escondida nas mãos. A luz é a vida, as mãos as obras. Quem quiser viver, obre, que muitas vezes na obra que se faz em um só instante estão escondidos todos os séculos da eternidade". (Pe. Manuel Bernardes in Exercícios Espirituais e Meditações da Vida Purgativa - II volume - Oficina de Miguel Deslandes - 1686, p. 59).

"Primeiramente tomou Cristo o pão em sua benditíssimas mãos: Accepit ergo Jesus panes. E para que? Não podia o Senhor multiplicá-lo só com a bênção? Mais fácil, só com a palavra? Mais ainda, só com a vontade? Bem podia, porque em Deus o mesmo é querer ou dizer do que obrar, pois a sua Onipotência se não distingue da sua vontade. Para que toma, logo, o pão nas mãos? As mãos são os instrumentos do trabalho, e quis o Soberano Mestre ensinar-nos que aos instrumentos do trabalho anda anexa a multiplicação dos pães e tão anexa que o mesmo trabalho das mãos se pode chamar pão da boca: Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus est et bene tibi erit, disse Davi, serás bem afortunado e ir-te-á bem, porque comerás o trabalho de tuas mãos. O trabalho come-se? Sim, porque tão certamente anda anexo o pão da boca ao trabalho das mãos, que o mesmo trabalho já é pão; e como o trabalho é pão, come-se o trabalho Labores manducabis." (Pe. Manuel Bernardes in Exercícios Espirituais e Meditações da Vida Purgativa - II volume - Oficina de Miguel Deslandes - 1686, p. 134).

"A mão que não trabalha, em uma só coisa trabalha, que é a pobreza. O que anda atrás do ócio será farto de fome. De sorte que há homens que trabalham por não trabalhar e andam atrás do seu ócio, como outros atrás do seu negócio. Pois estes tais o seu lucro é miséria, o seu pão é a fome. Quando vós virdes um destes com uma mão sobre a outra, muito parado, sabeis o que faz assim parado? Vai atrás do ócio: Sectatur otium; trabalha na obra da sua miséria: Egestate operata est: ele virá a comer fome: Replebitur ergestate." (Pe. Manuel Bernardes in Exercícios

Rachel de Queiroz falando destes nossos tempos dizia que vivemos do saber pelos outros acumulado.

A gente, nestes nossos tempos, sabe de tudo e não sabe de nada. Os antigos falavam "no saber de experiências feito". E a gente, de hoje em dia, vive do saber pelos outros acumulado. E, através de leitura, de aulas, de estudos, de uso intensivo de computadores, da Internet, pensa que sabe tudo. E acabamos tendo uma espécie de personalidade fabricada pela massa de informações que absorvemos.

Rachel de Queiróz, na crônica "*Feras, jacarés, Ibama*", publicada no jornal "**O Estado de São Paulo**", sábado, 25 de maio de 1996, pág. D15.

Para Gilles Lapouge, no âmbito do tempo, é desenvolvido o mal; ele não é "transcendente", mas "imanente", uma dimensão fatal da condição humana responsável pela morte, pela doença, pelo sofrimento, pela solidão, pela insensatez, etc.

Os arquivos vazios da humanidade, **Gilles Lapouge**, *O Estado de São Paulo*, de 17 de março de 1996, pág. A2.

O que é que o homem não sabe? E o que é que ele não saberá jamais? São questões intrigantes, sobretudo quando formuladas pela UNESCO, instituição encarregada de aumentar o nosso saber, mas que parece estar trabalhando ao contrário: em vez de recensear o que sabemos, prefere estimar as nossas ignorâncias.

O importante, no colóquio da UNESCO, é menos aquilo que foi dito do que o fato - único - de fazer essa pergunta, interrogação emblemática do nosso fim de século. Há cem anos, essa pesquisa da UNESCO teria sido tola. A ciência estava no auge de sua glória. O tempo do mistério havia se revolucionado: cosmos, matéria, cérebro, sentimentos, tudo seria um dia desvelado. Entrava-se num universo sem sombras.

Estamos bem longe dessa ingenuidade. Hoje, filósofos e lingüistas, biólogos e astrônomos estão de acordo: do enigma das coisas, o homem elucidou apenas uma parcela ínfima. Mais desconcertante ainda, os triunfos da ciência, de um século para cá. Levam ao efeito inverso daquele que o século 19, "cientista", esperava: a noite é ainda mais negra depois de ter sido varrida pelos focos de luz dos humanos.

Tomemos o cosmos. A partir de Copérnico, ele era simples, amável, sem armadilhas. Merecia seu nome (cosmos, em grego, quer dizer "bem arrumado"). Ora, o século 20 descobriu um espetáculo que teria deixado Newton atônito: estrelas em fogo, galáxias em ruínas, "Pompéias estelares", astros libertinos, estrelas anãs e estrelas duplas - enfim, uma galeria de monstros, e esses monstros, longe de estarem

estabilizados, como se acreditava, estão enlouquecidos. O cosmos do século 19 estava fora do tempo - portanto, não apresentava surpresas. O cosmos do século 20 balança-se ao sabor do tempo: é imprevisível.

O homem não conhecerá jamais o primeiro instante do universo. O astrônomo Trinh Xuan Thuan explica: como a luz leva tempo para chegar até nós, nós vemos a lua tal qual era há um segundo, o sol, como era há oito minutos e determinada galáxia, como era há 2 milhões de anos. Poderíamos, portanto - ao menos em teoria -, ao mirar uma estrela distante ver o "big bang". E aí encontramos uma barreira intransponível: o universo era tão denso, no curso dos seus 300 mil primeiros anos, que a luz não circulava por ele. Era um universo opaco. Ali, os nossos instrumentos seriam cegos.

O conhecimento do cérebro humano conquistou progressos fulgurantes - e esses progressos se abrem para o desconhecido. Podemos presumir, graças aos mapas das zonas de neurônios, que determinado cérebro está, naquele momento, memorizando alguma coisa, já que a zona "memória" está ativa. Mas o que essa memória remexe, as lembranças que por ela passam, isso a ciência não consegue saber. E talvez não o saiba jamais.

Darwin nos deu uma boa teoria da evolução mas continuamos sem saber se o esqueleto de Lucy, "ancestral"(?) do homem, é de homem ou de mulher (uma vasta questão: nossos ancestrais foram Eva ou Adão?). E em que momento, e porque, o macaco resolveu ser homem? Esse episódio fabuloso nos escapou. E nos fará falta para sempre.

Um dos outros maciços de ignorância é aquele formado pelas coisas que soubemos - e perdemos. Nada sabemos da sociedade dos maias quíchuas, porque seus conquistadores eliminaram todos os seus traços. Como lhes queimaram os livros (restam apenas quatro livros maias), essa sociedade se tornou uma sociedade "do nada". Ora, os maias inventaram o zero antes dos indus. Possuíam uma matemática infinitesimal. Seu calendário era mais preciso que o calendário gregoriano ou juliano. Assim, estamos privados das descobertas dos maias e, pior, dos sistemas lógicos por eles criados, que nos teriam proporcionado uma alternativa fascinante à unicidade das nossas lógicas (Descartes).

Ao longo da História, a ciência das civilizações triunfantes jogou na lata de lixo a ciência dos vencidos. As religiões dominantes destruíram as teologias heréticas. Nossa ciência, nossa religião são as dos vencedores. O resto desapareceu. Os arquivos da humanidade estão quase vazios.

Os incêndios de bibliotecas reduziram civilizações a cinzas. Como não estremecer ao nos lembrarmos das chamas na Biblioteca de Alexandria? Nossos conceitos, nossa moral, nossas lógicas, nossas invenções não seriam as mesmas, hoje, se os soldados de Júlio César não tivessem atirado suas tochas nos 700 mil rolos que encerravam todo o conhecimento da Antiguidade.

Seria tempo de criar uma nova disciplina, a do "não-saber". No Arizona, Anne Kervin, é "professora de ignorância". Ela mostra aos alunos que, ainda que seus mestres sejam muito inteligentes, na verdade eles navegam em oceanos de incertezas, cujas margens se afastam à medida que o navio avança. Ciência e ignorância estão tão bem entretecidas que, na verdade, formam uma única matéria. O saber e o não-saber se fundem, são idênticos. Ensino saudável, convida à humanidade e à tolerância. E nos reaproxima do que foi feito, outrora, pelo talento dos filósofos: a "máquina de duvidar".

Entre os objetos rebeldes à ciência existe um mais glorioso do que qualquer outro: Deus. Mais sutil do que a velocidade da luz, mais opaco do que as dobras do cérebro, mais fugaz do que o primeiro homem, mais fluído do que o cosmos. Deus continua a ser o Grande desconhecido. Toda a ciência desliza sobre sua perfeição.

Assim, Aquele que, pelo posto que ocupa, tudo sabe - ou seja, Deus - é o objeto sobre o qual menos sabemos. Estranho paradoxo, curiosa confusão do saber absoluto e do não-saber radical. Temos o direito de nos interrogar se Deus, ao mesmo tempo saber absoluto e refratário a todo saber, não seria a metáfora de um mundo no qual, à medida que os nossos conhecimentos aumentam, a noite se amplia até o infinito - essa noite em que Deus, talvez, se encolhe.

Gilles Lapouge ("*Não há nostalgia*", publicado no jornal "**O Estado de São Paulo**", domingo, 26 de maio de 1996, pág. A2).

O progresso efetua-se matando o que ficou para trás, com a condição de recolher dele a sabedoria, a experiência, os resíduos. O navio a motor destronou o *clipper* (veleiro rápido) que dobrou o cabo Horn, mas nenhum *steamer* (barco a vapor) poderia ignorar o conhecimento que os veleiros tinham dos ventos, das correntes marinhas, das cordas que amarravam a vela.

Chronos (ou Saturno), filho de Gaia, a terra, e de Urano, o céu, é o deus do tempo. Não se contenta em devorar todos os seus filhos (Júpiter foi o único que conseguiu escapar), que é a sua forma de deixar claro que o tempo é, ao mesmo tempo, criador e destruidor. Chronos cortou também, com uma foice, que lhe foi gentilmente oferecida por sua mãe Gaia, os testículos de seu pai Urano. Desses testículos jorra o esperma que faz formar densa espuma sobre as ondas do mar. E dessa espuma sai Afrodite, de radiosa beleza.

É assim o tempo. Anda misturando as pistas, avançando e recuando ao mesmo tempo, e é por isso que é tão fecundo. Desse ator sutil, enigmático e astucioso, os truques são mais enroscados do que um novelo de lã nas garras de um gato; ele flui nos dois sentidos ao mesmo tempo, às vezes rumo à véspera, rumo ao dia seguinte outras vezes. Esse é o seu capricho, esse é seu luxo.

Gilles Lapouge, no artigo "O diabo", publicado no jornal "O Estado de São Paulo", de 7 de julho de 1996, domingo.

Quer sejamos religiosos ou não, como ignorar a agressividade, a vitalidade e a sutileza do mal? As teorias podem divergir quanto à natureza desse mal. Para os religiosos, ele é o diabo, antagônico ao princípio divino, um "anjo decaído" decidido a aviltar a obra de Deus. Para os agnósticos, ao contrário, ele não é "transcendente", mas "imanente", uma dimensão fatal da condição humana responsável pela morte, pela doença, pelo sofrimento, pela solidão, pela insensatez, etc.

Será que o espírito humano tem necessidade do diabo, precisa do mal? O homem dá freqüentemente a impressão de não poder suportar um mundo puro, angelical, pueril, harmonioso e terno, do qual seriam erradicadas a dor e a morte.

O homem sente-se dilacerado entre o gosto pela felicidade e o fascínio pela desgraça. Em *Os possessos*, *Os Irmãos Karamazov*, *Crime e Castigo*, *O Idiota* ou em *Memórias do Subterrâneo*, o escritor russo Fiodor Dostoievski descreve magnificamente esse suplício, talvez por ter sido um grande cristão.

"E por que", escreve Dostoievski, "estão vocês tão firmemente, tão solenemente convencidos de que só o que é normal é positivo, de que apenas a prosperidade é vantajosa? Talvez o homem goste, apesar de tudo, de seu sofrimento. Talvez o sofrimento lhe seja tão precioso quanto a prosperidade. O homem ama apaixonadamente o seu sofrimento. É inútil consultar a História Universal! Interroguem-se a vocês mesmos. E querem a minha opinião? É indecente não gostar de nada, além da prosperidade. Quer seja bom ou ruim, de vez em quando é muito agradável quebrar alguma coisa ... Estou certo de que o homem jamais renunciará à destruição, ao caos ... Ao longo de toda a História, o homem nunca deixou de misturar a todas as coisas, a todos os acontecimentos, esse elemento fantástico de sua própria perdição."

Decerto se dirá que Dostoievski era um poeta e que essa submissão, ao mesmo tempo apavorante e prazerosa, ao diabo é um traço freqüente nos artistas (de Van Gogh ou Baudelaire a Kafka ou Antonin Artaud), mas de forma alguma representativo de uma sociedade. Ora, não é nem assim, Eu diria, em vez disso, que os historiadores entenderiam melhor os mistérios que se lhes apresentam se levassem em conta essa personagem invisível, talvez até inexistente. (...)

Pegando exemplos meio ao acaso e tão distantes entre si quanto o da China antiga e o da França medieval, parece-nos ouvir ainda as vociferações desesperadas de Dostoievski: "Os fantásticos devaneios do homem", diz o escritor russo, "sua mais ignóbil estupidez, é isso que o

homem quer preservar, apenas para provar a si mesmo que os homens ainda são homens e não teclas de um piano. E se lhe prova, se lhe demonstram matematicamente que ele não passa de uma simples tecla de piano, inventará novos caos, destruição e caos, e novos sofrimentos."

É como se o homem, exausto pela miséria, apavorado pela morte e hipnotizado pelo mal, cedesse à tentação de se transformar no mandante da própria derrota, no artífice do próprio sofrimento, no diabo e destruidor de si mesmo.